

A LOUCURA DAS
PALAVRAS NA PSICOSE

Walker Douglas Pincerati

A LOUCURA DAS
PALAVRAS NA PSICOSE

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

(CÂMARA BRASILEIRA DO LIVRO, SP, BRASIL)

Pincerati, Walker Douglas A loucura das palavras na psicose / Walker Douglas Pincerati. -- Campinas, SP : Mercado de Letras, 2012. -- (Coleção TerramaR)

Bibliografia.

ISBN 978-85-7591-217-1

1. Construção delirante 2. Efeito neológico 3. Neologismos 4. Palavras (Linguística) 5. Psicanálise 6. Psicoses 7. Psiquiatria I. Título. II. Série.

12-02988

CDD-401.9

Índices para catálogo sistemático:

1. Palavras que têm efeito neológico no dizer psicótico :
Neologismo na linguística : Psicolinguística 401.9

Conselho Editorial da Coleção TerramaR

Cláudia de Lemos (Unicamp)

Flavia Trócoli (UFRJ)

Viviane Veras (Unicamp)

Paulo Endo (USP)

Nina Virgínia de Araújo Leite (Unicamp)

J. Guillermo Milán-Ramos (Unincor)

projeto gráfico e capa: Vande Rotta Gomide

preparação dos originais: Mariana Marques Moraes

DIREITOS RESERVADOS PARA A LÍNGUA PORTUGUESA:

© **MERCADO DE LETRAS EDIÇÕES E LIVRARIA LTDA.**

Rua João da Cruz e Souza, 53

Telefax: (19) 3241-7514

13070-116 – Campinas SP Brasil

www.mercado-de-letras.com.br

livros@mercado-de-letras.com.br

1ª EDIÇÃO

ABRIL / 2012

*Conforme as novas normas da ortografia do
Decreto Legislativo nº 54 de 18 de abril de 1995.*

— IMPRESSÃO DIGITAL —

Esta obra está protegida pela Lei 9610/98.
É proibida sua reprodução parcial ou total
sem a autorização prévia do Editor. O infrator
estará sujeito às penalidades previstas na Lei.

AGRADECIMENTOS

Muitos são os que estiveram ao meu lado durante o trabalho de pesquisa que tem aqui seu resultado mais expressivo. Há, contudo, alguns que devem ser nomeados. De saída, é preciso dizer que o trabalho não se realizou sem a aposta de Cláudia de Lemos, que orientou com muito rigor, isto é, com respeito e seriedade, todas as etapas que culminam neste trabalho. Sua sensibilidade e delicadeza não só me encorajavam a continuar, mas, acima de tudo, desvelaram uma ética implicada quando se trabalha “com” a linguagem. Apostou também Nina Leite, que, na leitura de meus escritos, não pôde deixar de escutar e me devolver o termo que abriu caminhos para o exercício da escuta de uma fala outra. Um diálogo aberto e fecundo foi estabelecido com Mário Eduardo Costa Pereira, que, sempre muito gentilmente, esteve pronto a dar contribuições, críticas e pontuações valiosas. A propósito, não devo deixar de mencionar os nomes de Maria Rita Salzano Moraes, Flávia Trocoli e Suely Aires. Importantes foram as leituras e os diálogos estabelecidos com Daniel do Nascimento e Silva, Sérgio Menuzzi, Alessandro José de Oliveira e Alessandra Canepelle. Mesmo que indiretamente, este trabalho é fruto da atenção primeira de Ricardo Pacheco e Márcio André Derbli Pinto. Igualmente fundamental foi o auxílio de Aroldo Andrade, Márcio Oliveira e Simone Oliveira para a aquisição de bibliografia rara. Também teve papel essencial na pesquisa dessa bibliografia, Ana Llagostera, da Biblioteca do Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) da Unicamp. Foi de grande importância o apoio institucional do IEL/Unicamp, Instituto onde a pesquisa foi realizada. Inestimável foi o apoio financeiro da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo/FAPESP, que me concedeu a bolsa de pesquisa.

*A família Pincerati, pelo Nome e pelos projetos.
Ao Mannes pelo cuidado;
aos amigos íntimos pelo zelo, vinhos e segredos.
E,
ao que, como terceiro, me faz passar para Outra coisa [...]*

*A Freud, pela ferida;
A Lacan, por não deixar que obliterem a ferida;
As pedras de espera, pelos mistérios
cujas faces resguardam outras cenas,
e que o olhar só alcança se se obliqua
para ver outra coisa.*

Sumário

DAS PALAVRAS DA LOUCURA ÀS LOUCURAS DA PALAVRA NA PSICOSE	13
<i>Mário Eduardo Costa Pereira</i>	
INTRODUÇÃO	19
O NEOLOGISMO E SUA HISTÓRIA NA PSIQUIATRIA CLÁSSICA	29
<i>A diferença entre 'neologismo' e de 'efeito neológico'</i>	30
<i>Da entrada do termo 'neologismo' na psiquiatria e de sua especificidade no delírio e no delirium</i>	36
O NEOLOGISMO NA PSICANÁLISE OU O PASSO DE FREUD	59
"QUE EU SOU MAIS UM LOIDE DO QUE UM ANDROIDE."	69
<i>Notas preliminares à análise</i>	70
<i>Perplexidade e angústia: "eu perdi o controle da saúde corporal"</i>	73
<i>A reconstrução: "controlo o mundo... com o pensamento."</i>	85

CONSIDERAÇÕES FINAIS	99
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	103

Et qu'est-ce que la folie, après tout, sinon une sorte d'originalité mentale? Je dis la folie et non point la démence. La démence est la perte des facultés intellectuelles. La folie n'est qu'un usage bizarre et singulier de ces facultés.

Anatole France, *Le fou dans la littérature*, 1887.

– Titia, diga-me alguma coisa, estou com medo porque está muito escuro.

– O que isso adiantaria, já que você não me pode ver?

– Não faz mal: quando alguém fala, fica claro.

Sigmund Freud, *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, 1905.

Das palavras da loucura às loucuras da palavra na psicose

Das Brüllwunder, “o milagre dos urros” (Schreber 1903[1981, p. 142]), constitui um dos neologismos mais conhecidos e comentados das famosas memórias de Daniel Paul Schreber. Essa expressão totalmente inusitada é por ele empregada em um contexto bastante específico: trata-se de um esforço automático, quase visceral, para não ser abandonado por Deus a cada vez que este não encontra no corpo do torturado *Senatspräsident* “a volúpia de alma”, ou quando não reconhece em sua linguagem e em suas atividades “a prova imediata da existência de um homem que se encontra de plena posse de suas forças intelectuais” (*ibid.*). Nesses momentos de grande angústia, explica o autor das *Denkwürdigkeiten*:

os músculos que concorrem para a respiração são postos em movimento pelo deus inferior (Ariman), de tal modo que sou forçado a emitir o barulho do urro, se não fizer um grande esforço para reprimi-lo; em certos momentos, os urros se sucedem numa repetição tão rápida e frequente que o resultado para mim é uma situação praticamente insuportável, e particularmente à noite fica impossível continuar deitado. (*ibid.*)

Evidentemente, o termo em questão não figura nos dicionários de língua alemã; *Brüllwunder* é uma criação de Schreber, que não experi-

menta qualquer estranheza ao empregá-la em seu texto, mas ainda assim esforça-se por apresentar a seu leitor o âmbito singular de sua significação. Isso não se resume à descrição minuciosa dos gritos que lhe brotam espontaneamente pela boca, pois se estende também a sua dimensão metafísica. Trata-se de um milagre e, como tal, alude a um mistério que se impõe a nossa consciência, mesmo que escapando a nosso entendimento. A nova palavra se impõe como uma certeza, mas... de quê?

Deus não suporta o silêncio de Schreber. Nessas horas, considera-o um imbecil, destituído de valor ou de interesse. O urro produzido nesses momentos, ainda que sem conteúdo significativo, constitui uma prova de existência do sujeito diante do Outro, o qual não mais o reconhece e nem situa. *Brüllwunder*, o significativo inédito forjado pelo Presidente, inscreve de alguma forma a inefável experiência que o invade e submerge. Encontra sua validade unicamente no universo existencial de seu autor. Não participa de um código coletivamente compartilhado, não visa primariamente à ilusão da comunicação, ainda que Schreber tente explicá-la a seu leitor. *Brüllwunder*, puro significativo, faz nó, pois fixa algo que angustia e se dispersa, contudo, não chega a fazer laço, pois o âmbito de sua significação só encontra encadeamento nas vivências particularíssimas de seu autor.

A loucura das palavras na psicose, de Walker Pincerati, dedica-se ao estudo desse tipo de fenômeno psicótico a partir desta questão específica: - qual o estatuto do neologismo na psicose? O exame dessa pergunta é realizado com muita cautela e precisão, pois o terreno de pesquisa é bastante escorregadio.

Com efeito, tradicionalmente a psicopatologia psiquiátrica designa tais perturbações típicas do discurso de pacientes esquizofrênicos pelo nome de “neologismos”, termo próprio do campo da linguística, no qual encontra uma definição muito precisa. De onde o cuidado do autor em examinar em detalhe as condições de transposição dessa noção para o campo psicopatológico.

A definição linguística de “neologismo” é proposta nos seguintes termos pelo dicionário Houaiss:

1. emprego de palavras novas, derivadas ou formadas de outras já existentes, na mesma língua ou não;
2. atribuição de novos sentidos a palavras já existentes na língua;

À justo título, então, Walker Pincérati se interroga: se a fala na psicose tem uma estrutura diferente da fala na neurose, até que ponto é justificado usar o termo ‘neologismo’ para se referir às palavras insólitas do psicótico? Essa mesma questão já havia sido tratada pelo autor em um artigo precedente em que, apresentando a contribuição específica do médico francês Jules Séglas a esse tema, examina a forma pela qual a noção linguística de neologismo foi historicamente utilizada nas classificações psiquiátricas dos distúrbios da fala. Diz Pincérati:

Nessas classificações encontramos também razões para desconfiar da identidade entre o que na psiquiatria se chama “neologismo” e o que é um neologismo na linguística, mais precisamente, na lexicologia e lexicografia. Para essas últimas disciplinas, um neologismo é uma unidade lexical cuja forma significante ou cuja relação significado-significante não se tinha realizado no estágio imediatamente anterior da língua. Mais que isso, ele precisa ser interpretado pelo interlocutor para que possa ser chamado como tal. Ora, todo psiquiatra que se dedicou a esse tema colocou os “neologismos” dos alienados no nível da fala. (Pincérati 2009, p. 565)

Ou seja, na tradição psiquiátrica, o registro descritivo é apresentado sem referência à posição do outro na produção de tal enunciado.

Dessa forma, Walker Pincérati retoma esse debate a partir de uma nova perspectiva. Inicialmente, ele assume a posição de não utilizar diretamente o termo “neologismo” para se referir aos fenômenos de fala observados nos pacientes psicóticos, preferindo a concepção de “palavras com efeito neológico”, permanecendo assim no registro da analogia e não no da identidade entre os dois campos. Por outro lado, o autor incorpora a seu argumento a proposição de Séglas segundo a qual é indispensável vincular tais palavras com efeito neológico explicitamente ao delírio, porque, ao se dar importância à linguagem do doente, não é mais possível tomá-las isoladamente em relação a seu contexto delirante.

As teorias psicanalíticas de Freud e de Lacan, visando a dar conta do fenômeno psicótico, constituirão o fundamento de sua proposição de leitura do fundo psicopatológico sobre o qual se inscreve a emergência das palavras com efeito neológico no discurso delirante de tais pacientes. Sob tal ótica, a psicose se constitui a partir de uma tomada de posição do

sujeito, o qual, confrontado a uma representação insuportável, decide inconscientemente recusá-la de maneira enérgica e irredutível. Para certificar-se de que não terá em hipótese alguma de se ver diante de tal representação e ter de tirar as consequências em relação ao mundo simbólico em que habita, o sujeito passa a atacar diretamente os fundamentos mesmos dessa organização simbólica, que o permite compartilhar com os outros humanos um código mínimo de recorte da realidade e de instalação no mundo. Ele rompe, então, com a ancoragem da referência edípica garantida pela autoridade da instância paterna e com isso é a organização habitual da experiência de si mesmo, do corpo próprio e da relação com os outros na cena social que desaba. Instalam-se assim vivências perturbadoras de catástrofe existencial, de angústia extrema e de profunda perplexidade.

A hipótese central sustentada neste livro é, pois, aquela de que o delírio constitui um esforço no sentido de inscrever de alguma maneira no campo da linguagem e do significante, toda a vivência caótica e sem limites resultantes do processo psicopatológico no qual o sujeito toma posição de rejeitar radicalmente a confrontação com a representação insuportável, ainda que seja ao preço de destruir os assentamentos mais nucleares de sua instalação no mundo simbólico compartilhado com os demais. Nesse contexto, a criação de novas palavras, funcionando como puros significantes, mas relacionadas com o conjunto do processo delirante, permitiria alguma forma de estabilização dessa vivência catastrófica pela fixação do gozo maciço e caótico da psicose nesses elementos que, de uma maneira totalmente solipsista, permitem mesmo assim alguma forma de orientação simbólica para o sujeito.

O trabalho delirante, diz Walker Pincérati, como um processo de significantização, “parece ter como fim atenuar a angústia. Como? Pela construção de um edifício delirante em que os significantes ligados a representações negativas e aos significantes *doença, saúde e corpo* possam ser ressignificados em algo com fins superiores” (ver p. 82). É nesse contexto que as palavras com efeito neológico do discurso do psicótico inscrevem-se na problemática psicopatológica do delírio. O neologismo psicótico não espera a resposta de quem quer que seja, ele não se endereça ao Outro. Trata-se, como no delírio em geral, de um saber inconsciente que lhe vem desde o exterior sob a forma de uma certeza irresistível. O psicótico obtém assim alguma ancoragem no campo do

significante. Mas, destacado da referência ao Outro, permanece como um significante puro e perturbador.

É nessa perspectiva que, neste livro, Walker Pincerati propõe uma leitura inovadora do fenômeno que a tradição psiquiátrica chama de neologismos psicóticos. Não se trata apenas, pois, do estudo das características das palavras na loucura. Para se avançar nesse tema situado na fronteira entre a linguística e a psicopatologia, é necessário que se reflita propriamente sobre a loucura das palavras na psicose.

Mário Eduardo Costa Pereira

Referências Bibliográficas

- PINCERATI, Walker Douglas (2009). "Os neologismos ativos e passivos em Jules Séglas (1892)." *Rev. Latinoam. Psicopat. Fund.*, São Paulo, vol. 12, n.º 3, setembro, pp. 564-570.
- SCHREBER, Daniel Paul (1903[1981]). *Memórias de um doente dos nervos*. Traduzido do original alemão e organizado por Marilene Carone. Rio de Janeiro: Graal.

Introdução

Abordo neste trabalho, que surgiu sob a forma de dissertação de mestrado – e que vem a público em forma de livro com algumas alterações –, o fenômeno da criação de palavras na psicose; palavras que têm na literatura especializada o nome de ‘neologismo’. Tenho como objetivo discutir e analisar qual é o estatuto delas, a fim de apreender seu papel no delírio, entendido aqui como uma reconstrução.

Mas, afinal, o que um linguista pode dizer ao se defrontar com a fala delirante? Essa pergunta se coloca ao linguista quando, ao se dedicar ao estudo do dizer psicótico, enquanto fala ou instanciamento da língua que é seu objeto de estudo, ele encontra algumas dificuldades. A saber, tem dificuldade de nele se reconhecer como linguista. Com isso, não só fica impedido de se identificar nisso que o psicótico lhe fala, como se defronta com a situação de ver suas posições teóricas e metodológicas suspensas por esse impedimento. É, a meu ver, diante dessa impossibilidade que pode surgir a indagação sobre o que ele, linguista, pode dizer sobre a fala na psicose.

Dois procedimentos parecem ter sido mobilizados na tentativa de analisar essa fala. O primeiro, o mais comum e tentador, é o da psiquiatria e de uma semântica pragmaticamente orientada que consiste, como veremos adiante, em desqualificar o dizer psicótico, rotulando-o de “louco” e de deficiente ou desviante, do ponto de vista, por exemplo, da seleção e do arranjo das palavras. O segundo, menos percorrido e

desafiador, é o do pesquisador que começa por interrogar seu próprio saber sobre a língua (e sobre a linguagem), uma vez que esse saber foi posto à prova pelo próprio dizer psicótico.¹

Um exemplo de trabalho que mobilizou o primeiro procedimento é o de Dascal e Françaço (1988). Estes pesquisadores afirmam que o problema do psicótico decorreria de uma “baixa capacidade de controle de suas operações mentais”, deficiência essa que explicaria sua dificuldade em encontrar a palavra precisa, recorrendo a “frases substitutivas” que resultam em associações bizarras (Dascal e Françaço 1988, pp. 23-24). Partem, pois, de um modelo ideal a partir do qual avaliam o grau de desvio e o déficit da linguagem na psicose.

Por outro lado, por tratarem o dizer psicótico como outro modo possível de habitar a linguagem, reconhecendo que sua diferença em relação à normalidade é reveladora de uma diferença estrutural – formas diferentes de produzir fala numa mesma língua –, Novaes (1995) e Picardi (1997) se filiam ao segundo procedimento acima mencionado. Perguntaram-se, as autoras, o que caracteriza essa fala como esquizofrênica? (Picardi 1997). O que caracteriza essa forma outra de dizer na psicose? (Novaes 1995). Note-se, contudo, que ambas sustentam que, para o linguista penetrar nesse domínio, ele tem que reconhecer que o dizer psicótico possui uma opacidade; uma opacidade que aponta para uma diferença estrutural entre a linguagem na psicose e a linguagem considerada normal.

A proposta, aqui, é de penetrar nesse domínio, o do fenômeno da linguagem na psicose. Mais especificamente, a entrada vai se realizar por determinadas marcas linguísticas, quais sejam: as palavras que têm um efeito neológico.

-
1. Rajagopalan (2000) aponta a necessidade de a Linguística repensar seus fundamentos. Esse pesquisador denuncia a tendência de várias disciplinas da Linguística em demonstrar fortes resistências a todos os esforços, originários em seus próprios meios, de repensar seus próprios fundamentos (p. 40). Segundo ele, há declarações de Lyons, Lakoff e Harris que reforçam a necessidade de diálogo com outros campos de saber para uma nova guinada linguística e cita como exemplo Chomsky e Saussure. De Lemos (1991) também já atentou para a necessidade dos linguistas colocarem o saber constituído sobre a língua em xeque, destacando que é justamente a necessidade de saber, de interrogar que promove e promoveu o avanço da(s) ciência(s) da linguagem.

Essa proposta se esboçou quando, em minha graduação em Linguística, fiz um trabalho de iniciação científica, cujo objetivo era o de estudar como funcionavam semanticamente os neologismos produzidos por uma paciente psicótica e como eles teciam uma rede de significação que poderia dar uma direção ao delírio (ver Pincerati 2006a, 2006b). Com o gravador na mão, durante cinco meses frequentei uma instituição psiquiátrica² para entrevistar uma paciente psicótica.

Ao retornar para “meu Instituto”, “o meu lugar” – o que revela um movimento de voltar para o âmbito da Linguística, lugar do saber constituído sobre a língua –, para realizar a transcrição das fitas, um desafio se instalou, a saber: o de, no ato da transcrição, ter que lidar com o insólito e com a impossibilidade de recuperar sentidos daquilo que ouvia.

Em minha angústia, interrogava o que sabia sobre a língua, na medida em que esse saber tinha sido suspenso, isto é, não dava conta da questão que então se impunha. Tive que lidar com a frustração de não escutar o que queria ouvir; com o temor de estar forjando dados – no caso neologismos – e também o de ter que decidir sobre algumas construções sintáticas e sobre a pontuação a ser imposta a um texto falado; e, ainda, com a angústia de ter que dar conta de uma fala cujos sentidos me escapavam, pondo, assim, tudo o que eu sabia sobre a língua em xeque.

Mas foi justamente no momento em que assumi como imperativo em meu trabalho a necessidade de uma postura ética, portanto o imperativo de me aproximar do dizer psicótico sem destituí-lo de seu estatuto de dizer, sem transformá-lo em dado (ver De Lemos 2003), é que pude me posicionar, enquanto pesquisador, face à tensão que se produziu. Eu estava diante de uma fala que me convocava enquanto sujeito falante, mas que também mostrava um sujeito produzindo uma fala que me excluía. Que fala era essa? Que falante era esse?

Foi nesse momento que me dei conta de que, em primeiro lugar, se tratava de uma atividade de pesquisa científica, implicando, pois, uma posição de não saber – cientificamente legítima – a partir da qual eu poderia produzir questões. Isto é, a partir da qual eu poderia tomar a

2. Centro de Atenção Psicossocial Antonio da Costa Santos, Centro de Saúde “Dr. Cândido Ferreira”, Campinas/SP. Sou grato a Ricardo Pacheco e Márcio A. Derbli Pinto por abrir as portas dessa instituição.

relação entre saber a língua (e/ou sobre a língua) e a fala na psicose como algo a saber.

Foi com essa “sacada” que uma hipótese se esboçou, qual seja: o neologismo produzido por um psicótico não pode ser da mesma ordem que o neologismo tal como concebido na Linguística, no âmbito da Lexicologia e da Lexicografia. Hipótese essa que se desdobrou na seguinte pergunta: qual é o estatuto do neologismo na psicose?

Essa questão ganhou pertinência ao me ater às definições de neologismo vigentes na Psiquiatria e na Psicanálise, que são os campos de saber em que a psicose é tomada como objeto de estudo. Além disso, no que tange à questão colocada, podemos observar nessas disciplinas os dois modos de funcionar dos procedimentos acima mencionados. Contudo, se, de um lado, a Psiquiatria parte de uma concepção da linguagem como veículo de sentidos transparentes, o que, na relação médico-paciente, torna tudo o que é obscuro ou desviante, na fala do paciente, manifestações ou evidências de sua enfermidade; de outro lado, a Psicanálise, sobretudo lacaniana, vem se posicionar contra essa concepção ao reconhecer a importância da linguagem, portanto do linguístico, na constituição do sujeito, concebendo-o como efeito da inscrição de sua fala no campo da linguagem. Para o psicanalista, a psicopatologia diz dessa inscrição.

Do lado da Psiquiatria, considero sobretudo a representada na *Décima Revisão da Classificação Estatística Internacional de Doenças e de Problemas Relacionados com a Saúde*, doravante CID-10.³ A CID, publicada pela Organização Mundial de Saúde (OMS), é uma referência interna-

-
3. A CID vem, nas últimas décadas, assimilando sistematicamente o DSM, que é o manual de classificação de doenças mentais elaborado pela Associação de Psiquiatria Norte-americana (ver <http://www.psicosite.com.br/cla/DSMIV.htm>). Portanto, grosso modo, ao falar em “a psiquiatria” me refiro, sobretudo, à psiquiatria norte-americana, que, como analisa Coudurier (2005), tem deixado de lado a investigação séria e rigorosa dos fundamentos das doenças, cedendo às exigências comerciais. O “triunfo do DSM”, afirma Coudurier (*ibid.*, p. 23), é, na verdade, o triunfo da ideologia liberal e capitalista. Note-se que outras abordagens psiquiátricas (que serão tratadas mais a frente) são obliteradas pelos efeitos desse “triunfo”. Contudo, a meu ver, no que diz respeito à noção de linguagem, todas as escolas de psiquiatria a entendem como instrumento do pensamento (como se poderá ver mais adiante).

cional de classificação e de diagnóstico de doenças que, basicamente, consiste num sistema de categorias atribuídas a entidades mórbidas que procura atender as necessidades de informação diagnóstica para finalidades gerais. Nela, a cada estado de saúde é atribuída uma categoria única à qual corresponde um código.

A partir de um rápido exame da categoria Esquizofrenia (grupo F20-29: Esquizofrenia, transtornos esquizotípicos e transtornos delirantes) dessa Classificação, pode-se observar a resistência em produzir interrogações sobre o que acontece nessa psicopatologia. Vale salientar que as insuficiências nas tentativas de apreensão – classificação e descrição – do fenômeno psicótico são reconhecidas na própria CID-10, onde se lê o seguinte: “eles [os transtornos delirantes] constituem um grupo de transtornos heterogêneos e mal-compreendidos” (CID-10 1993, p. 85).⁴ Note-se que, dentre os sintomas elencados na CID, estão: “intercep-

-
4. A propósito do aparecimento e uso do termo ‘transtorno’ em psiquiatria, ver Pereira (2002), que, em conferência em 2001, denuncia a ausência de interrogações que tanto a CID como o DSM-III trouxeram para a psiquiatria moderna. Esse estudioso fala de uma “crise na psiquiatria” (*ibid.*, p. 242). A propósito, ver também Birman 2001, Quinet 2001a e 2001b, Serpa Jr. 2001 e Stagnaro 2008; e, ainda, Coudurier 2005 e Vanier 2010. Apesar de grande, a citação que se segue acrescenta significativamente a discussão aqui empreendida: “Quando um psiquiatra fala de transtorno esquizofrênico, de transtorno de pânico, transtorno obsessivo-compulsivo, a palavra ‘transtorno’ está presente explicitamente para não se falar em doença. Se vocês relerem a introdução do DSM, e também a introdução da CID, isso é claro. O termo ‘transtorno’ se refere justamente ao caráter convencional da categoria, *para que não tenhamos que recorrer ao modelo médico-biológico para pensá-lo*. Mas o que é, afinal, um transtorno? O que caracteriza um transtorno? Nessa perspectiva operacional, *será considerado transtorno aquilo que nós combinamos que é um transtorno*. Não há instância transcendental, não há instância racional maior do que o campo da decisão humana, a respeito do que é desejável ou não no comportamento dos outros e de si próprio. O grande marco, o paradigma dessa questão ocorreu um pouco antes da publicação do DSM, na década de 1970, quando a Associação Psiquiátrica Norte-Americana reuniu-se para deliberar se a categoria ‘homossexualidade’ deveria continuar figurando nas classificações psiquiátricas – pois até então ela fazia parte dessas classificações. Foi uma verdadeira feira. No local onde se realizava o congresso que iria deliberar sobre as categorias diagnósticas a serem adotadas, havia os lobbys dos homossexuais, o lobby dos psiquiatras homossexuais, havia as igrejas, os defensores da família

ções ou interpolações no curso do pensamento resultando em discurso incoerente, irrelevante ou neologismo” (*ibid.*, p. 86).

Essa citação, além de tocar no tema aqui tratado, a saber, a presença de neologismos no dizer psicótico e seus efeitos, quais sejam, os de que estamos diante de um “louco”, é reveladora: não só dá a ver o recuo diante da necessidade de interrogar os fundamentos dessa afirmação, como deixa evidente o mal-estar que provoca o fenômeno da linguagem na psicose.

É na Psicanálise, sobretudo lacaniana, que se encontra um tratamento da psicose, do ponto de vista do lugar do psicótico na linguagem e a partir de sua fala. Ela traz para o bojo de sua teorização o sujeito. Mas o sujeito implicado aí é o sujeito falante, efeito da inscrição de sua fala no campo da linguagem.

No que diz respeito ao neologismo, Jacques Lacan, em seu Seminário sobre as psicoses, proferido em 1955 e 1956, aproxima-se da Linguística sustentando suas elaborações em Saussure e Jakobson, e também Benveniste, para tentar explicar o fenômeno delirante na psicose. Para ele, o único modo de abordar esse fenômeno é por seu próprio modo de apreensão, a fala: “Só pela porta de entrada do simbólico é que se consegue penetrá-lo” (Lacan 1955-1956[2002, p. 20]).

A tese que sustenta a postura de Lacan é a de que o inconsciente tem estrutura de linguagem. Tendo isso em vista, define o delírio como “uma linguagem onde certas palavras ganham um destaque especial, uma densidade que se manifesta algumas vezes na própria forma do significante, dando-lhe esse caráter indiscutivelmente neológico tão surpreendente nas produções da paranoia” (*ibid.*, p. 42).

É justamente nesse plano que é introduzida sua concepção de neologismo na psicose, considerada como palavra-chave, palavra original que organiza alguma significação especial para o delirante. Partindo da concepção de que o significante é o material da linguagem e que a significação sempre remete à outra significação, Lacan afirma o seguinte:

e dos bons costumes, havia a imprensa, os políticos, enfim, *era a própria sociedade, em princípio supostamente democrática, debatendo se queria ou não que a homossexualidade figurasse como categoria patológica*” (*ibid.*, p. 243, ênfases minhas).

No nível do significante, em seu caráter material, o delírio se distingue precisamente por esta forma especial de discordância com a linguagem comum que se chama um *neologismo*. No nível da significação, ele se distingue por isto: ele só pode se mostrar se vocês partem da ideia de que significação remete sempre a uma outra significação sabendo-se que, justamente, a significação dessas palavras não se esgota no remeter a uma significação. (Lacan 1955-1956[2002, p. 43], ênfase minha)

Essas elaborações permitem, a princípio, perceber que o neologismo na Psicanálise está no nível do significante, distanciando-se de sua concepção na Lexicologia, na qual está no nível do signo (ver Barbosa 2001).

A partir disso, no que diz respeito à forma do neologismo no dizer psicótico, é possível supor que ela seria explicada pelo acoplamento ou condensação de significantes, o que remeteria a processos de formação diversos. Além disso, é possível retirar outra importante contribuição dessa formulação de Lacan. Qual seja, com ela uma primeira explicação do estatuto do neologismo pode ser elaborada em termos de uma diferença estrutural do dizer psicótico.

Para a Psicanálise lacaniana existe uma diferença estrutural entre psicose e neurose; sendo a neurose considerada o padrão de normalidade, em referência a uma normatividade edípica. O neurótico sempre fala, segundo essa teoria, em referência a um sujeito suposto saber. Grosso modo, quando o neurótico fala, ele projeta e antecipa imaginariamente um saber no seu interlocutor, que faz o mesmo, o que torna (imaginariamente) possível, na relação dialógica entre dois sujeitos neuróticos – normais –, o jogo de sentidos e de antecipações e projeções de sentidos.

Na psicose, para a Psicanálise, ocorre o contrário: o psicótico “está completamente identificado ao seu eu com o qual ele fala, ou o eu totalmente assumido através do modo instrumental. É ele que fala dele, o sujeito, o S, nos dois sentidos equívocos do termo” (Lacan 1955-1956[2002, p. 23]). A alienação imaginária no jogo dialógico, que caracteriza a comunicação na neurose, não acontece na psicose. A dimensão da alteridade fica reduzida ao eu, à pessoa do psicótico. É nesse registro que se deve tomar o fenômeno da alucinação do delirante, pois na psicose “o sujeito fala literalmente com o seu eu, e é como se um terceiro, seu substituto de reserva, falasse e comentasse sua atividade” (*ibid.*, p. 23).

É, segundo a Psicanálise, nessa produção psicótica de linguagem que a palavra se torna a alma da situação (Lacan 1955-1956[2002, p. 43]). Lacan reforça insistentemente que é no registro da fala que se cria toda a riqueza da fenomenologia da psicose (*ibid.*, p. 46). Os neologismos seriam marcas linguísticas da diferença estrutural entre psicose e neurose.

É, pois, na relação entre estudos linguísticos e psicanálise que se cria condições para interrogar a natureza da linguagem na psicose, permitindo reconhecer os efeitos que a opacidade semântica do dizer psicótico produz, interrogando sobre a natureza do linguístico na psicose e do sujeito nessa estrutura.

Ao tomar como ponto de partida minha questão inicial, qual seja, qual é o estatuto do neologismo na psicose, defrontei-me com a necessidade de responder a outra questão que se impôs ao assumir aqui a tese psicanalítica de que existe uma diferença estrutural entre neurose e psicose. A saber, se a fala na psicose tem uma estrutura diferente da fala na neurose, seria possível usar o termo ‘neologismo’ para se referir às palavras insólitas do psicótico?

O primeiro capítulo tem como objetivo responder a essa questão. Em primeiro lugar, faço uma discussão visando destacar a especificidade do ‘efeito neológico’ em relação ao que na Lexicologia é entendido como um ‘neologismo’. Feito isso, percorro a literatura da psiquiatria clássica sobre o neologismo na psicose com o objetivo de investigar por que e como foi atribuído à palavra insólita do psicótico o nome ‘neologismo’. A Psicanálise herdou o termo da psiquiatria clássica, o que me levou a investigar o uso desse termo na Psiquiatria do século XIX.⁵ O exame do material (raro) encontrado desvelou a existência de duas tendências nos estudos da área; e foi por conta delas que optei por me restringir, ao contar a breve história do neologismo na psiquiatria clássica, a três autores: L. Snell, o pioneiro nesse estudo, E. Tanzi, cujo trabalho é o mais sistemático e importante nesse tema, e J. Séglas, que leu todos os trabalhos anteriores e propôs a famosa divisão dos neologismos em ativos e passivos. As referidas tendências se resumem no seguinte: (a) o neologismo do psicótico tem relação direta com o tema do delírio e não tem a ver com distúrbios de ordem orgânica ou cognitiva e (b) eles, os neolo-

5. Note-se que Sigmund Freud era neurologista e Jacques Lacan, psiquiatra.

gismos, têm uma especificidade quando encontrados no delírio psicótico, em relação àqueles encontrados nas outras doenças – como *delirium tremens*, paralisia geral etc. –, doenças que são provocadas por uma debilidade ou deficiência física ou por um déficit no “processamento cognitivo”. Os neologismos ativos e passivos dizem dessa especificidade. Daí a importância do trabalho de Ségla.⁶ Segundo Maleval (1998, pp. 7-10), essa especificidade aponta para a grande diferença entre o “neologismo” no delírio do neurótico (*delirium*) e no delírio do psicótico (delírio). Para esse autor, esse é um dos tesouros da clínica psiquiátrica clássica, abandonado na atualidade (*ibid.*)

A Psicanálise não abandonou esses tesouros, mas também não se acomodou a apenas incorporar passivamente as contribuições da clínica psiquiátrica. Esse é o tema do segundo capítulo. Nele procuro mostrar que Sigmund Freud inaugurou uma outra história, ou melhor, uma outra abordagem do “neologismo” na psicose. O pai da psicanálise valeu-se de uma concepção de linguagem totalmente diferente da existente na Psiquiatria. Freud a concebeu como constitutiva do sujeito. Por conta disso, pôde, em 1911, conceber o delírio como uma tentativa de cura, uma reconstrução. E, a partir de 1915, avançou nessa tese mostrando que o delirante, enquanto habitante da linguagem, reconstrói seu mundo com palavras. O psicótico, diz Freud, trata as palavras como se fossem coisas. Maleval (1998), a partir da leitura lacaniana da tese freudiana, propõe que o delírio é um processo de significantização.

A partir disso pude entender o “neologismo”, ou melhor, a palavra que tem efeito neológico no dizer psicótico como um produto do encapsulamento de ideias delirantes e de significantes em trânsito no delírio. É com essa proposta que leio o *corpus* – falas transcritas de LC, que tem o diagnóstico psiquiátrico de esquizofrenia –, procurando situar as palavras de efeito neológico como ápices ou condensações do material em jogo no delírio. Nessa análise, além disso, procuro dar a ver como é que essas palavras participam de um momento que chamo de reconstrução, isto é, um momento em que se observa uma tentativa do delirante de edificar um mundo em que possa voltar a viver como um ser excepcional. Esse momento visa atenuar a angústia, isto é, a perplexidade

6. Trabalho que teve grande repercussão. Ver a propósito Bobon 1952 e 1962; Teulié 1927.

diante das invasões e torturas a que o delirante é submetido. A discussão corre no sentido de discutir e depreender o papel da palavra que tem efeito neológico na reconstrução.

Meu propósito aqui é menos o de fechar questões do que revelar as pedras de espera que estão sempre no meio do caminho do pesquisador que se dedique ao estudo da linguagem na psicose. Há, nesse tema, muitas coisas a saber. Por isso, a meu ver, seria pretensão demais querer fechar questões aqui, ao invés de abri-las.